

Até na doença, um homem de diálogo

São Paulo — Tancredo Neves não poderia imaginar que passaria por tanta agonia, quando, no dia 14 de março, chamou o jornalista Antônio Britto e, ao convidá-lo para o cargo de secretário de Imprensa da Presidência da República, disse, com um sorriso nos lábios:

«Vamos sofrer juntos?»

Por ironia do destino, horas depois o presidente eleito enfrentaria a primeira das sete cirurgias. Pouco antes de ser submetido à sétima operação, 28 dias depois, apertou as mãos do neto Aécio Cunha Neves, no Instituto do Coração, e balbuciou: «Eu não merecia isto» foi a última frase que se ouviu de Tancredo Neves, já respirando através do orifício aberto pela traqueostomia.

Na sexta-feira Santa, dia 5 de abril, três dias após a quarta cirurgia, quando todos esperavam o fim de sua agonia, Tancredo manifestou seu último desejo, ouvir o trecho do Evangelho segundo São Mateus, que descreve o momento em que Jesus Cristo expirou na cruz.

«Deus, Deus, por que me abandonaste? E o sol escureceu, e rasgou-se ao meio o véu do templo. E Jesus, clamando com grande voz, disse: Senhor, em Tuas mãos entrego o meu espírito. E havendo dito isto, expirou».

O desejo foi satisfeito pelo Capelão, padre Léo, e por Frei Beto, juntamente com toda a família de Tancredo.

Bom humor e otimismo no início: impaciência, depois, e finalmente a resignada consciência da morte. Assim o presidente Tancredo Neves comportou-se nos 39 dias de enfermidade.

Já no dia 15 de março, após recuperar-se da anestesia da primeira cirurgia, Tancredo passou a bombardear parentes e médicos com sua curiosidade sobre os ritos da transferência do poder:

— Então, como foi? O Sarney tomou posse? Correu tudo bem?

No dia 17, domingo, Sarney reuniu o Ministério, cumprindo a convocação feita por Tancredo, e leu o discurso que o presidente eleito havia preparado para o dia no leito do Hospital de Base, sem perder a cronologia dos dias e dos fatos, voltou a perguntar:

— E então, foi feita a reunião do Ministério?

Na visita que lhe fizera na manhã do dia anterior, o presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, satisfizera, na medida do possível, sua ávida curiosidade sobre a evolução dos acontecimentos políticos.

No dia 18, Tancredo pediu que instalassem um telefone na sala de recuperação, para comunicar-se com o Palácio do Planalto e com políticos. O telefone chegou a ser instalado, mas não foi usado. Nesse dia, um médico surpreendeu o presidente cantarolando pelo quarto ladainhas religiosas que costumava entoar nas procissões de São João Del Rei, lamentando não poder participar das solenidades de Semana Santa:

No dia 20, Tancredo foi submetido à segunda cirurgia, com os intestinos presos, abdômen dilatado e os pulmões com princípio de infecção, antes de ser anestesiado, pediu aos parentes «rezem por mim».

O otimismo e a resistência psicológica à doença se manifestaria no dia seguinte, quando os médicos o informaram sobre a cirurgia realizada:

— Presidente, o senhor precisa sarar — disseram os médicos.

— Precisa não, eu devo sarar. Agora podemos preparar o terno da posse — retrucou Tancredo.

Entretanto, no mesmo dia, Tancredo já demonstrara impaciência:

— Desde as 8 horas da manhã vocês não me dão sossego — reclamou, depois de uma longa série de exames.

Foram três dias bons, antes do sobressalto da terceira cirurgia e da súbita transferência para São Paulo. Ele chegou a iniciar a alimentação oral, reclamando do iogurte e estreado a gelatina, que ainda não conhecia. Andou pelo quarto e insistiu em ser transferido para a suíte presidencial do quarto andar do Hospital de Base.

Desde que voltou a falar, após a segunda cirurgia, diariamente, por volta das 20 horas, Tancredo lia Salmos da Bíblia com o padre Novarino Brusco, no sábado, 23, pediu o 114º, que diz: «Obrigado Senhor, por ter me salvado do abismo». Nesse mesmo dia escreveu a carta ao presidente em exercício José Sarney, último documento oficial, onde Tancredo elogiava a conduta de Sarney no exercício da Presidência, afirmando:

«O seu exemplo tem me dado forças para superar estes momentos».

Por esses dias, o bom humor de Tancredo, confiante na recuperação, transparecia com frequência. Dona Risoleta comentou, certa vez com o marido, que os equipamentos que o cercavam, junto à cama, pareciam uma árvore de natal ao que Tancredo retrucou:

— Parece mais é um pé de jaca.

Logo após a primeira cirurgia, Ulysses Guimarães contou que faltou esparadrapo quando faziam um curativo em Tancredo, que brincou:

— Só porque fui eleito presidente não vão começar a fazer economia comigo, né?

No dia 23 de março, Tancredo recusou a cama especial, adquirida para ele, da qual não gostava. Para justificar a recusa, brincou: «Cama especial é mordomia».

Ao posar para fotografias, no dia 25, antes da hemorragia que o levaria a São Paulo, insistiu em usar gravata, contentou-se com o robe de chambre e o lenço de seda. Reconheceu o fotógrafo Gervásio Batista, cumprimentando-o:

— Gervásio, meu filho, como vai você?

Apesar do otimismo da equipe médica em seguida constatou-se a presença de sangue nas fezes e, no dia seguinte, era transportado às pressas para o Instituto do Coração, em São Paulo, por determinação do gastroenterologista Henrique Walter Pinotti, que passou a ser o médico chefe, em substituição a Pinheiro da Rocha.

No avião que o levou de Brasília a São Paulo, silencioso, o presidente olhava para Dona Risoleta, sentada à sua direita, e para os agentes de segurança pessoal, crispando os lábios — tique que se manifestava nos momentos de tensão. Reclamou também das turbulências que o avião enfrentou.

Pouco depois de chegar ao hospital, reclamou a um dos médicos:

— Mas doutor, ontem eu estava tão bem, tirei fotos, e agora estou aqui?

Ao ser informado, no dia 26, de que seria submetido à terceira cirurgia, pelo médico da família, o cirurgião mineiro João Batista Rezende Alves, reclamou:

— Não pode ser depois? Estou tão cansado.

Entretanto, continuava a manifestar confiança, dizendo à Dona Risoleta: «Nós vamos vencer mais essa».

No dia seguinte, recebeu a visita do presidente em exercício José Sarney, em companhia do governador Franco Montoro, fazendo o gesto que se transformaria em símbolo de sua resistência: apontou para o abdômen, contou até três com os dedos e levantou o polegar. ~~em sinal de que~~ tudo estava positivo. Na sexta-feira, 29, o barbeiro que terminou de fazer sua barba recebeu um comentário bem-humorado de Tancredo, que perguntou:

— Quanto lhe devo?

No dia 2 de abril, entretanto, os médicos constataram que uma alça intestinal estava aprisionada no interior da hérnia, do lado esquerdo do abdômen; e descobriram também um novo foco infeccioso. Ao ser avisado pelo cirurgião Resende Alves, respondeu:

— Se é necessário, vamos logo. Vamos acabar logo com isso, doutor.

E para Dona Risoleta, que chorava, dirigiu palavras de conforto:

— Nós vamos sair dessa, mais uma vez, sob anestesia peridural, perguntou várias vezes, durante as duas horas de cirurgia.

— Quando isso vai acabar? Ainda falta muito tempo?

No dia seguinte à operação, dom Paulo Evaristo Arns, cardeal Arcebispo de São Paulo, comentou confiante aos repórteres:

«O homem quer viver e quer chegar ao poder».

Os médicos, por sua vez, surpreendidos com a capacidade de resistência de Tancredo, exclamavam: o homem é de ferro».

Enquanto esteve consciente, Tancredo comunicava-se com palavras, gestos e bilhetes. O superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva, observou que ele não reclamava. Mesmo nos exames mais dolorosos.

Na quinta-feira da Semana Santa, dia 4 de abril, sofreu a última anestesia de que teve conhecimento antecipado. Era quinta cirurgia. Ao cirurgião Henrique Walter Pinotti, já recebendo respiração artificial, através do tubo orotraqueal, novamente contou de um a cinco com os dedos, finalizando o gesto com o polegar apontado para cima.

Na sexta-feira da Paixão, fez dois gestos premonitórios: escreveu em um bilhete: «Risoleta» e «São João Del Rei», que alguns parentes entenderam como o desejo de ser sepultado em sua cidade natal. Em outro papel, pediu para ouvir o Sermão das Sete Palavras, que começa com a invocação de Cristo: «Deus, meu Deus porque me abandonastes?» Tancredo acompanhou a leitura do Sermão segurando as mãos de Dona Risoleta e da filha Maria do Carmo. O Padre Leocir Pessini e o frei Beto leram o Sermão. No terceiro bilhete, pediu um rádio de pilha.

No sábado de Aleluia, dia 6, Tancredo foi levado para o Instituto de Radiologia do Hospital das Clínicas para exames de tomografia computadorizada. No domingo de Páscoa, voltou a sentar e ficou quase duas horas em uma poltrona colocada na sala da UTI, para reativar o funcionamento dos intestinos.

Sempre com o incômodo tubo orotraqueal, na terça-feira, 9, escreveu aos médicos: «Aguardo suas decisões» o bilhete foi escrito às 13h20, e às 16 horas Tancredo era submetido à sexta cirurgia da traqueostomia, que indicava que o presidente já não poderia respirar sozinho. O secretário de imprensa, Antônio Britto, transmitiu aos jornalistas a previsão dos médicos: «Daqui para a frente, os ganhos serão milimétricos».